

Cenas de vigilância e amadoras nas narrativas telejornalísticas: uma discussão sobre pluralidade, inclusão, diversidade e democracia¹

Pedro Boyd TAVARES²
Ana Paula GOULART DE ANDRADE³
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho pretende trazer à tona a questão dos usos das imagens amadoras e de vigilância na narrativa televisiva, em especial, nos telejornais locais. Diante do novo ecossistema midiático, o movimento inevitável de inclusão de imagens verticalizadas nos produtos jornalísticos de televisão gera uma sensação de inclusão. Até que ponto esses flagrantes estão contribuindo para as rotinas produtivas, de fato, com narrativas mais plurais e democráticas? Este trabalho intenta dar continuidade a pesquisa realizada Goulart de Andrade (2018), revisitando o que foi observado, compreendendo outras nuances que alteram o modus operandi jornalístico atual.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo; rotinas produtivas; formatos noticiosos; videovigilância; imagens amadoras.

¹ Trabalho de pesquisa apresentado na Intercom - 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Niterói/RJ – 01 a 03/06/2023

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: pedro.boydtavares@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF) e na Graduação da Eco-UFRJ, da Facha e do Centro Universitário Unilasalle. Mestre e doutora em Comunicação Social pela PUC-Rio.

INTRODUÇÃO

A intrusão de imagens produzidas fora da rotina canônica telejornalística alcança níveis crescentes. O resultado da pesquisa sobre o telejornalismo apócrifo (GOULART DE ANDRADE, 2018), que comparou análise de conteúdo entre os principais telejornais de cobertura nacional das três maiores emissoras do país, mostrou que os canais chegaram a preencher cerca de 40% da programação de seus telejornais com imagens de videovigilância e amadoras. Anelado a isso, o trabalho etnográfico, resultado de entrevistas versando sobre essas imagens externas realizadas com vários profissionais da área, percebe, entre muitas outras coisas, que a deontologia do telejornalismo e as técnicas que lhe são afeitas estão em franca instabilidade, fruto da tensão que se estabelece entre a ética profissional e o frenesi midiático, interferindo, dessa maneira, não só nas condições de produção do telejornalismo atual (e tudo que isso envolve), mas também e principalmente nos produtos noticiosos que chegam até aos telespectadores, alterando os modos da construção social da realidade.

Mas até que ponto estão sendo promovidas nas rotinas produtivas, de fato, narrativas mais plurais, inclusivas e democráticas? Ou a utilização de imagens dessa natureza está cumprindo apenas de maneira performática uma aproximação com a linguagem das redes? De que forma a mídia hegemônica permanece contribuindo com uma realidade socialmente construída que colabora para o aumento da desigualdade, discurso de ódio e outras mazelas sociais? Quais impactos o consumo dessas narrativas podem causar? Como fica a questão da verdade e credibilidade jornalística? E de que forma isso pode alterar o mercado de trabalho? Todas essas questões somam-se à falta de regulamentação da mídia no Brasil que vem trazendo consequências corrosivas para o jornalismo e, conseqüentemente, para a democracia, promovendo influência na configuração de uma sociedade incivil (SODRÉ, 2021).

CONTRIBUIÇÕES E ANÁLISES DA PESQUISA

O resultado da pesquisa sobre o telejornalismo apócrifo (GOULART DE ANDRADE, 2014, 2018) que comparou análise de conteúdo entre o “Jornal Nacional”, “Jornal da Record” e “SBT Brasil” (principais telejornais de cobertura nacional das três maiores emissoras do país) mostrou que os canais chegaram a preencher cerca de quarenta por cento da programação de seus telejornais com imagens de videovigilância e amadoras. Anelado a isso, o trabalho etnográfico, resultado de entrevistas versando sobre essas imagens externas realizadas com vários profissionais da área, percebe, entre muitas outras coisas, que a deontologia do telejornalismo e as técnicas que lhe são afeitas estão em franca instabilidade, fruto da tensão que se estabelece entre a ética profissional e o frenesi midiático, interferindo, dessa maneira, não só nas condições de produção do telejornalismo atual (e tudo que isso envolve), mas também e principalmente nos produtos noticiosos que chegam até aos telespectadores, alterando os modos da construção social da realidade (BERGER & LUCKMANN, 2003; ALSINA, 2009).

Diante do novo ecossistema midiático (CANAVILHAS, 2010; JENKINS, 2009; SCOLARI, 2008) e o inevitável uso de imagens verticalizadas na narrativa telejornalística na era da telesfera (GOULART DE ANDRADE, 2021), torna-se inevitável trazer à tona questões como: em que medida essas imagens trazem a pluralidade, diversidade e inclusão para a sociedade que agora tem voz com a efetiva participação nos noticiários? Será que os telejornais locais estão cumprindo, de fato, a promessa de um lugar pedagógico e de referência (VIZEU, 2009) a que se propõe, ou representam uma busca de tentativas de ressignificação do modelo de negócio? E mais: que tipo de realidade social está sendo construída a partir dos usos (e abusos) de imagens de vigilância e amadoras? Por fim, para refletir sobre a relação entre sociedade e mídia, trazemos a importância da regulação da mídia e perspectivas da comunicação pública como princípios de pluralidade e diversidade (COUTINHO, 2013).

Como essas imagens são quase sempre enviadas por telespectadores, as inserções de certa forma conferem uma participação relevante do público na construção do jornal. Por um lado, tais produções espontâneas do público tendem a facilitar o trabalho logístico das redações, retirando o custo de deslocamento até às notícias, o maquinário, o cinegrafista, as imagens amadoras promovem essa inserção indireto do público no telejornal ou pelo menos sensação de participação. Mas por outro chegamos a uma reflexão importante: as imagens tem um timing de veiculação se realmente querem chamar atenção. Não há tempo confortável para todas as checagens que poderiam ser consideradas ideias. Logo, esse "frenesi" é que de alguma forma pode levar ao cenário considerado nocivo ao jornalismo: Como ficam os critérios de noticiabilidade frente a essa nova dinâmica? Será a permanência ativa e de qualidade desse cinegrafista amador, um valor-notícia decisivo?

CONCLUSÃO

Menos do que buscar a resposta a questões tão abrangentes, os esforços desta pesquisa inicial tentam tão somente ater-se a um recorte específico: em meio à pulverização do fazer jornalismo, exemplificado pela miríade imagens e áudios capturados pelos smartphones à condição de notícia, até que ponto as rotinas produtivas ainda existentes (e necessárias) na mídia hegemônica terão o poder para produzir, de fato, narrativas mais plurais, inclusivas e democráticas? Ou a utilização de imagens pelos veículos dominantes está cumprindo apenas de maneira performática uma aproximação com a linguagem das redes?

A pesquisa também faz suas apostas, após a apresentação dos desafios da nossa profissão. Na relação entre sociedade e mídia, trazemos a importância da regulação - palavra polêmica e repleta de significados movidos por paixões políticas - da mídia e perspectivas da comunicação pública como princípios de pluralidade e diversidade (COUTINHO, 2013). Ao contrário de uma visão distorcida que associa a regulação ao cerceamento da liberdade de expressão, o movimento regulatório seria um dispositivo

de proteção e forma de amparo para a democratização da comunicação, contribuindo para o combate ao crescimento de uma sociedade incivil (SODRÉ, 2021).

REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R. A construção da notícia. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2003.

CANAVILHAS, J. Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. In: II Congresso Internacional de Comunicação 3.0. Nuevos Medios, Nueva Comunicación. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2010.

COUTINHO, I. Iluska (Ed.). A informação na TV pública. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

GOULART DE ANDRADE, A. P. Telejornalismo apócrifo: perspectivas sobre o uso de imagens amadoras e de videovigilância na construção da narrativa telejornalística. Dissertação de mestrado. Orientador: Leonel Azevedo de Aguiar. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Comunicação, 2014.

_____. Entre crenças e ecrãs: comunidade transterritorial, telejornais e webtelas de Portugal. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2021.

_____. Telejornalismo apócrifo: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância. Florianópolis: Insular, 2018.

JENKINS, H. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

SCOLARI, C. Hacia la hipertelevisión: los primeros síntomas de una nueva configuración del dispositivo televisivo. In: Diálogos de La Comunicación – Revista Académica de La Federación Latino Americana de Comunicación Social – Universitat de Vic, n. 77, pp. 1-9. Barcelona, jul/dez, 2008.

SODRÉ, M. A sociedade incivil – mídia, liberalismo e finanças. Vozes, 2021.

VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. In: Revista Famecos – PUC-RS, v. 16, n. 40, pp. 77-83. Porto Alegre, dezembro, 2009.